

Unidade sindical e partidos políticos

BRAZ JOSÉ DE ARAÚJO*

Eu queria, inicialmente, agradecer aos diretores que me dão a honra de sua presença e aproveitar a oportunidade para felicitar este Centro e seus estudantes por um esforço valioso, pois é toda a instituição que durante uma semana se dedica à discussão e ao debate de problemas importantes, nas diferentes dimensões da pesquisa, da ciência e da cidadania.

Não é em todo local que encontramos essas possibilidades. Transmito aos diretores, estudantes e aos organizadores desta Semana, as minhas felicitações, pois acho que através desses debates e dessas discussões podemos continuar contribuindo para o nosso desenvolvimento científico, cultural e político.

O tema da palestra de hoje é um tema em que tenho trabalhado bastante e de diferentes maneiras. Tenho escrito algumas coisas e feito numerosas palestras para os trabalhadores do Brasil inteiro. Em cursos destinados especificamente a operários, esta questão sempre emerge como um dos temas que eles também querem discutir. A questão de unidade sindical e sua relação com os

partidos políticos é uma questão antiga na história da vida e da luta dos trabalhadores, da própria história da democracia, que conhecemos universalmente.

Para a abordagem das questões presentes, dos desafios presentes, vou dividir esta exposição em três partes:

Na primeira parte, vou rapidamente mostrar as origens do sindicalismo e como o sindicalismo em suas origens já está ligado à questão partidária, especialmente nos países europeus e onde a Alemanha se destaca. Em seguida, também rapidamente, um pouco de nossa história sindical, procurando mostrar momentos importantes nesta perspectiva em nosso caso brasileiro, para, finalmente, chegar aos dias de hoje, ao momento presente, a fim de situar melhor os desafios que estão diante dos trabalhadores e do conjunto da sociedade brasileira.

Sempre que tratamos da história do movimento sindical, é bom lembrar que o sindicalismo moderno, tal como nós entendemos hoje, emerge da própria revolução industrial capitalista do século XIX e se organiza rapidamente em todos os países que se industrializaram primeiro, mas também na Alemanha, embora as primeiras organizações sindicais estejam ligadas à história da Idade Média, às corporações de ofício. O sindicalismo moderno surge com a indústria moderna, com a fábrica, pois, falar da indústria moderna é falar da

(*) Prof. de Ciência Política, do Dept^o. de Ciências Sociais da USP.

Palestra proferida por ocasião da III Semana de Ciências Sociais do CESULON. 1980.

fábrica. A fábrica é uma unidade de produção que reúne o trabalhador coletivo ou o conjunto de trabalhadores que despendem suas energias para produzir um determinado produto. Não é por acaso que justamente na história da Alemanha nosso tema pode ser bem ilustrado, pois lá, comparando-se com a Inglaterra, França e até a Bélgica, o desenvolvimento industrial se dá um pouco mais tarde, acentuando-se na segunda metade do sec. XIX, e, sobretudo, após a vitória da Alemanha contra a França, na guerra de 1870. É desta época, também, o levantamento histórico dos trabalhadores franceses, conhecidos como a Comuna de Paris.

A Alemanha de Bismarck vai esmagar a experiência revolucionária dos trabalhadores franceses e vai iniciar um processo novo de relação com os trabalhadores de seu próprio país.

Os sindicatos, apesar de suas diferenças, são organizações criadas pelos próprios trabalhadores para defender os seus interesses diante dos patrões. Assim, os sindicatos eram organizações nem sempre bem recebidas, mas não eram de todo organizações constantemente perseguidas. Primeiro, não eram muito significativas e, em segundo lugar, não tinham ainda condições para ameaçar, em termos absolutos, as relações autoritárias que existiam entre os patrões e os trabalhadores. No entanto, pouco a pouco, esse movimento sindical se fortalece e passa a ser uma força dentro da fábrica, uma força que se antepõe ao governo do patrão dentro da fábrica, a fim de reivindicar aquilo que os trabalhadores achavam que deveria ser reivindicado. Historicamente, e até hoje, duas reivindicações principais: melhores salários e melhores condições de trabalho. As reivindicações por melhores condições de trabalho levantam uma série de questões: redução da jornada de trabalho, melhores condições de saúde e trabalho dentro da empresa, a questão da insalubridade, a proteção ao trabalho do menor, da mulher, enfim, uma série de questões que surgem em função das características dos trabalhadores e da fábrica.

Nessas lutas, os sindicatos se fortalecem. Mas também se fortalece uma concepção política ligada aos trabalhadores, e que vem da tradição marxista de se ligar ao cotidiano do trabalhador dentro da empresa e da luta sindical contra o patrão. Os trabalhadores, pouco a pouco, compreendem a perspectiva do socialismo: construir uma sociedade em que não haveria nem exploradores nem explorados. Uma sociedade sem classes, uma sociedade em que a produção seria destinada ao interesse coletivo, para satisfazer às necessidades dos trabalhadores, em vez de ser fundamentalmente destinada aos interesses privados, particularistas, dos que detêm os meios de produção. Do surgi-

mento e desenvolvimento das idéias de Marx vai emergindo um movimento marxista através do qual os trabalhadores se organizam para as perspectivas do socialismo. O movimento sindical, embora não se colocando como alternativa para uma nova sociedade, já não apenas pretende defender as melhores condições de trabalho, melhores salários, mas também começa a apontar questões mais amplas, relacionadas com a própria organização econômica, social e política da sociedade. Por exemplo, a luta dos trabalhadores pelo sufrágio universal, embora naquela época, no século XIX, o sufrágio universal fosse limitado aos homens. Ainda, não se considerava a mulher digna da cidadania, mesmo entre os próprios trabalhadores. A luta pela ampliação do sufrágio universal, inclusive do voto da mulher, sempre esteve presente nas lutas dos trabalhadores. Como mulheres trabalhadoras, foram elas que ampliaram esta concepção, ainda estreita, da cidadania apenas para os homens.

Assim, as lutas sindicais extravasam as fábricas, colocando a organização dos trabalhadores diante de questões maiores, que envolvem a própria organização da sociedade como um todo. Simultaneamente, então, os trabalhadores das fábricas, pertencendo aos sindicatos, adquirem aos poucos idéias políticas novas. Dessa maneira, o movimento sindical, representativo dos trabalhadores, está, nas suas origens, ligado ao próprio movimento marxista. Tanto assim, que no caso da Alemanha, os sindicatos são controlados, e, de certa forma, constituem-se extensão do próprio Partido Social-Democrata alemão, que era a designação que os partidos com idéias marxistas ou próximas tinham naquela época. Esses partidos, portanto, que surgem com a perspectiva de serem os porta-vozes do programa dos trabalhadores para o conjunto da sociedade, estreitam as suas relações com os sindicatos e os sindicatos estão profundamente ligados a esses partidos. As divergências internas dentro dos partidos passam, portanto, a ter repercussões imediatas no próprio movimento sindical. As divergências no interior do Partido Social-Democrata alemão, já no final do século XIX, apontando para diferentes caminhos para se chegar ao socialismo, têm seus reflexos no movimento sindical. E já começa, no final do século, a se estabelecer certa distinção entre a atuação dos sindicatos, antes ligados ao partido, porém, agora, diferenciados de acordo com a orientação política de seus dirigentes e a relação deles com o partido ou com uma tendência do partido.

As divergências no interior do movimento socialista vão se aprofundar no início do século XX. O Partido Trabalhista inglês, criado em 1906, é profundamente ligado ao sindicalismo inglês. Em realidade, na Inglaterra, são os sindicatos que

